
Miriam Delefrate Guedes
QUANDO AS FLAUTAS DESCEM AS MONTANHAS
Ilustrações
Rogério Coelho



© Texto: Miriam Guedes, 2021
© Ilustrações: Rogério Coelho, 2021

Projeto editorial Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto

Edição 01

Revisão Stela Maris Fazio Battaglia
Geuid Dib Jardim

Projeto gráfico e editoração eletrônica Debora Barbieri

Impressão e acabamento São Francisco Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G924q

Guedes, Miriam

Quando as flautas descem as montanhas / Miriam Guedes. – 1 ed. – Ribeirão Preto, SP: Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto, 2021.

56p.; 28 cm.

1. Contos brasileiros. I. Título

CDD 869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura brasileira 869.3

Esta edição conta com o patrocínio da Usina Alta Mogiana e com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura, Secretaria Especial da Cultura do Ministério da Cidadania.

Lei 8.313, de 23 de dezembro de 1991.

Todos os direitos desta edição estão reservados e protegidos pela lei 9.610/98 à Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto

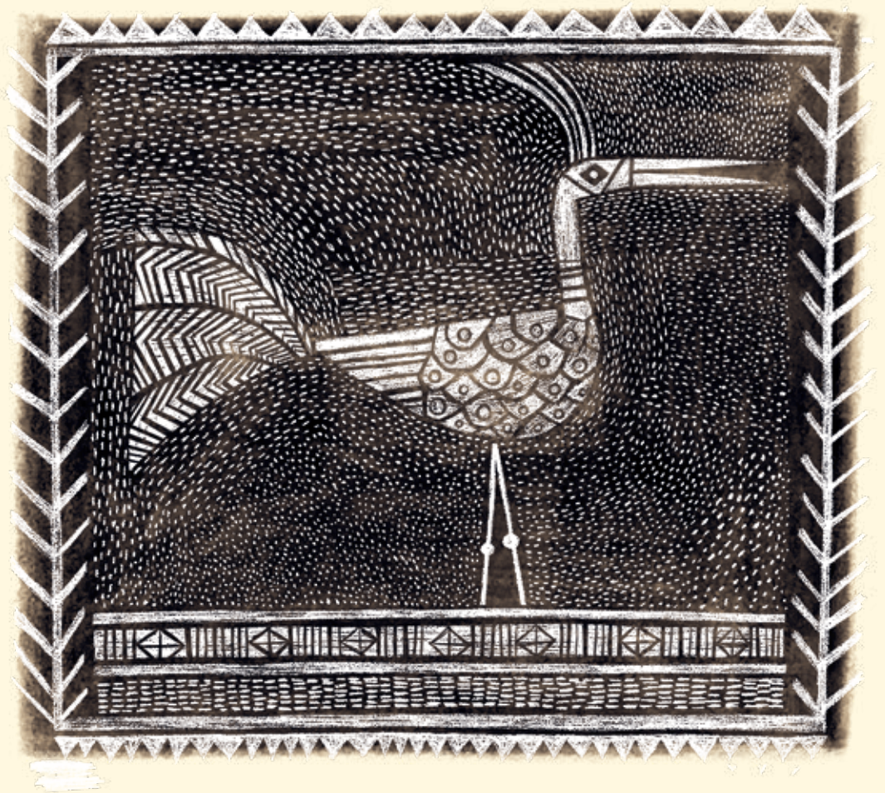
Rua Professor Mariano Siqueira, 81, Jd. América – Ribeirão Preto/ SP

(16) 3911.1050

contato@fundacaodolivroeleiturarp.com

www.fundacaodolivroeleiturarp.com





Para Édio Delefrate e Enio Henrique Delefrate,
meus favoritos tocadores de flautas (in memoriam)

Gratidão ao Criador pelas flautas descerem as montanhas e os pássaros azuis fazerem ninhos nas cabeças dos leitores!
Aos diretores e parceiros da Usina Alta Mogiana, à Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto e a todos os que colaboraram com a construção deste livro.



Há muitos anos, nas terras longínquas de Áfora, repousava uma floresta. Árvores gigantes, com raízes mais altas que um homem, cipós debruçando-se por todos os lados. Por baixo de suas copas não se via o céu; no chão somente sombras trançadas. Piados vindos de cima, cri-cris vindos debaixo, águas nas pedras soavam como música.

Montanhas se encadeavam ao redor da floresta. Eram as famosas montanhas de Zibá. Uma estrada poeirenta ligava uma trilha na montanha a um povoado; ali morava um povo de que nunca ninguém ouviu falar, os Kardiás.

Todas as tardes, seus habitantes se reuniam em torno das redondas casas feitas de barro e capim, conversavam sobre os acontecimentos do dia e, depois,
iam repousar.

Ao amanhecer, a meninada se juntava em rodas para brincadeiras:

Coxa, palma, coxa, palma, coxa, coxa.
Kiazul é azul
Piriri é sapoti
Trololó é mocotó
Mas Bizu
É menino atrapalhado
Escondido no telhado da vovó.

Eram crianças de todas as idades. Alegres, gritavam e cantarolavam. Todas, menos um menino.

Ele era diferente. Enquanto os colegas olhavam para dentro da roda, ele olhava para fora. Estava ali, mas seus pensamentos pareciam voar. Não cantava. Acompanhava o ritmo das brincadeiras com palmas:

— Hei! Malowi, venha brincar de *Já se escondeu*!

Ele entrava na brincadeira e se escondia onde ninguém, ninguém mesmo, o encontrava. A sombra do menino virava um coelho no horizonte.

Nas tardes o sol gritava, o suor escorria pelo rosto e a folia não parava. Brincadeira das bananeiras: meninos e meninas, lado a lado. Com as mãos no chão e os pés para cima.
Dada a partida, corriam em volta das casas. Apostavam ovos. Quem chegasse primeiro ao curral, ganhava os da Maru, uma galinha preta que botava ovos azuis. Malowi não participava dessa corrida. Preferia fazer sozinho, sozinho mesmo.

O tempo passava com as nuvens empurradas pelo vento. Todos os dias Malowi levantava cedo, regava a horta, brincava e dormia. Sempre resmungava:

— Aka! Que vida malaike!

O garoto conversava com o único amigo sobre a vida sem graça.

— Só consigo pensar no amanhã. Amanhã... Será que vou encontrar um pássaro Kiazul? Quem sabe uma águia-marcial? O que acha, Gadô?

Com a língua de fora, o cachorro abanava o rabo.

Grandes aventuras Malowi queria viver!

Os Kardiás comemoravam datas importantes, faziam questão de cumprir alguns costumes. Em um deles, quando os garotos completavam onze anos, os mais velhos pintavam os rostos dos aniversariantes de branco. Naquele mês só Malowi faria onze anos. Seus pais chamaram os habitantes do povoado para comemorar.

Malowi não gostou de pintar o rosto; a tinta era grudenta, repuxava a pele e o nariz coçava. Afastou-se sem ser notado, foi olhar seu rosto no espelho d'água, mas logo correu de volta para os amigos.

Na hora mais aguardada da festa, o líder Khoi-san entrou na cerimônia com o sorriso largo, peito estufado e, no ombro, um animal pendurado. A conversa e as brincadeiras pararam.

— Quero homenagear o jovem, que hoje faz aniversário, meu neto primogênito!





Ofereceu um macaquinho de presente. Malowi curvou-se em reverência ao avô e sorriu. O bichinho guinchou.

— Vou chamar você de Babu.

O macaco subiu pelo braço do aniversariante.

Kokodiô, o pai de Malowi, entrou em seguida, com as mãos estendidas. Entregou ao filho um cajado avermelhado e brilhante de madeira entalhada.

— Meu filho, a partir de agora você é um pastor!

O menino recebeu seu presente. O cajado o acompanharia por toda a vida.

O jovem agora teria responsabilidades. Começaria a trabalhar junto ao pai, no pastoreio das cabras.

Bem no meio da cerimônia, nuvens escuras encobriram o céu. Khoi-san sorria, brincava com as crianças, quando se ouviu ao longe:

— Ra- ra- tan- tan... pum- bum- tum!

Os tambores rufavam ainda mais:

— Rarara-tantantan-pumbuntum-pumbuntum!

Com o alerta, o líder levantou-se subitamente sério. Um mensageiro vinha correndo pela estrada à sua procura. Khoi-san fechou ainda mais a carranca. A algazarra foi interrompida, e ele deu início a uma reunião.

— Peço a atenção de todos — Khoi-san estava com as mãos trêmulas.

As crianças nem piscavam. Os homens enrijeceram os ombros e os rostos. As mulheres deram-se as mãos.

— Há anos, quando muitos de vocês nem eram nascidos, morava do outro lado da montanha um povo chamado Koinô.

— Nas Terras das Águas Saltantes? — um jovem de olhos esbugalhados perguntou.

— Sim, lá mesmo! Vivíamos em paz, até que as chuvas nos faltaram. Nossos animais morreram de fome e de sede, não tínhamos o que comer. Para não morrer, saímos pedindo ajuda. Muitas tribos estavam na mesma situação. Havia apenas uma tribo cujas crias ainda estavam vivas e suas despensas, cheias. A tribo dos Koinôs.

— O que... que... acon... teceu? – Malowi estava com medo!

— Pedimos um pouco de sua comida, não nos deram. Então, fizemos o que não deveríamos ter feito. Saqueamos seus alimentos.

— O quê? – exclamaram todos ao mesmo tempo.

— Fizemos isso duas vezes, até os céus nos agraciarem com águas novamente. O resultado daquele momento infeliz — prosseguiu, suspirando — foi a inimizade entre nossos povos.

Malowi olhava para sua avó Zuri. Silenciosamente, ela soltou as mãos das mulheres, deu dois passos para trás.

— Razul veio nos trazer a notícia: Nossos inimigos, os Koinôs, estão vindo rumo às montanhas de Zibá. Não sabemos o motivo, imagino que seja vingança — disse o marido.

— E agora? — Perguntou uma mulher levando as mãos à cabeça.

Os homens ficaram em silêncio. Não sabiam o que dizer diante daquela notícia ameaçadora.



Kaúna, o ancião cego, deu a sua opinião:

— Quando ofendemos alguém, é preciso pedir perdão.

Khoi-san não respondeu ao velho.

Aos poucos, um murmurinho se espalhou entre os aldeões, foi crescendo até virar um alvoroço.

A avó deixou a assembleia de ombros caídos, os olhos no chão. Arrastou-se até a entrada de sua tenda.

O garoto olhou a trilha que levava à casa da avó, viu só o pontinho de seu manto colorido.

Ufa! Se minha avó saiu da reunião, posso sair também, pensou, já com as pernas correndo atrás dela.

Zuri deitou na rede atada às árvores. De rabo de olho adivinhou um vulto. Era Malowi ofegante.

— Vovó, por que você saiu da reunião?

A avó olhou para o neto, mas não disse palavra.

De vez em quando ela ficava assim. Havia um mistério que nem os olhos, nem a boca, nem o respirar, nada em seu rosto contava o que morava no coração.

— Volte para a reunião!

O garoto obedeceu. Sentou com os outros. Olhava o chão, com as mãos fechadas segurava o queixo. Homens, mulheres e crianças aguardavam a decisão de Khoi-san e dos outros líderes.

Terminada a conversa, o chefe bateu no chão seu enorme cajado. A sugestão do sábio Kaúna foi aceita por todos.





Depois de três dias de preparativos, cada família trouxe o melhor que podia oferecer. As crianças juntaram pedras que brilhavam com a luz do sol. Os jovens trouxeram seus colares. As mulheres levaram cestas, trançadas de cipó, cheias de pães, acompanhadas por potes de gordura de leite e melado. Os homens cederam os animais mais bonitos: cabras malhadas e novilhas branquinhas. O tilintar dos chocalhos se juntaria ao coro de súplica dos Kardiás implorando perdão aos Koinôs.

Khoi-san ordenou que os homens colocassem os presentes numa carroça puxada por bois. E lá se foi Razul. Enquanto a carroça partia, Zuri, da porta de casa, observava de longe.

Haveria guerra ou não?

Só se ouvia o piado da águia.

No quinto dia, ao cair da tarde, Malowi e seus bichos foram para a sombra de um ingazeiro. O garoto estava mergulhado em dúvidas. O cachorro deitou no meio da estrada. O macaco pendurou-se num galho, de cabeça para baixo, os olhos grudados no menino. Parecia entender o pensamento do jovem.

— Babu, essa noite perdi o sono. Justo no dia do meu aniversário, acontecer uma coisa dessas? Não vejo a hora de estrear meu cajado!

Pegou um graveto, começou a remexer a terra. Rabiscava e rabiscava de novo.

Babu guinchou, pulou novamente no ombro do menino.

O coração de Malowi batia acelerado, o suor escorria pelo rosto, roía as unhas.

Pensava nas grandes aventuras que viveria, mas não uma guerra.



No dia seguinte, os aldeões seguiam aguardando a notícia do mensageiro. As horas passavam, nenhuma resposta chegava. Khoi-san estava preocupado. Por medo da guerra, os pastores Kardiás traziam capim para os animais no curral. As cabras e o gado pareciam pressentir o perigo, berravam sem parar.
O chefe permitiu que os homens levassem os animais para pastarem livremente.

Malowi ficou animado, pois seu pai ordenou que fosse sozinho pastorear:

— Que bom! Vou estrear meu cajado!

Chamou os bichos para acompanhá-lo. Gadô ia à frente, farejando tudo. Babu, grudado nos ombros do menino.

O jovem pastor olhava as nuvens e a estrada, o sol e o capim, o rio e as rolinhas. Um olho no chão para as cabras não pisarem em cobras, outro na copa das árvores, distraído com os pensamentos.

Nas montanhas, as cabras pastavam mansamente. Vez ou outra, ouvia-se o rolar de pedrinhas. Os chocalhos tilintavam.

Foi então que um pássaro azul pousou ao seu lado.

— Um Kiazul! Quem consegue uma pena de sua asa será um homem respeitado!

Uma águia piou, o Kiazul voou para longe. Frustrado o menino continuou seu pastoreio.



O Sol, com sua bola de fogo, caminhava para o horizonte. Malowi percebeu que era hora de voltar.

No caminho, ouviu barulhos que pareciam vir de uma das trilhas da floresta.

Deteve o rebanho na estrada e deixou Gadô cuidando das cabras. Tentava descobrir alguma coisa. Entrou na trilha pé ante pé, viu uma sombra familiar. Queria compreender o murmúrio:

— Vá embora, você não pode vir comigo.

Qual não foi a sua surpresa quando reconheceu a avó, que tentava afugentar um animal robusto.

— Eu também senti muita saudade, mas não posso ficar com você. Volte, por favor! — A avó acariciava a tromba de um elefante.

O menino pisou num galho.

— Quem está aí?

Malowi saiu detrás da moita de capim.

— O que você está fazendo aqui, meu neto?

O menino não respondeu, ficou deslumbrado com o elefante.

— Vovó, você conhece esse animal?

— Sim, conheço; é uma fêmea, porém essa é uma longa história.

— Podemos levá-la?

— De jeito nenhum! Teríamos mais um problema.

Ele observou cada pedacinho do ser gigante.

— Vovó, olha quantos gravetos em suas patas, estão machucadas! Ela deve estar perdida há muitos dias.

A avó sabia. A elefanta realmente precisava de ajuda.

Avó e neto a levaram até o riacho para um banho. Depois, passaram uma pasta de ervas, que a avó havia preparado, nos ferimentos.

Malowi voltou para a aldeia com o rebanho. Zuri e a elefanta ficaram escondidas na trilha da floresta. A matriarca esperaria o sol se esconder para ir ao encontro do marido. Ao vê-lo, cochichou em seu ouvido. Ele consentiu que a elefanta ficasse na aldeia.



Zuri e Malowi fizeram um cercado de paus e capim bem alto no quintal da avó, para esconder o animal.

Os olhos do garoto sorriram, a fêmea estaria a salvo!

— Que nome vai dar a ela, vovó?

— O que acha de Shikoba?

— Shikoba!

A elefanta pareceu gostar do nome. Abraçou o ombro da velha com a tromba.

A noite chegou, o sono também, dormiram num ninho de bichos: o menino, Shikoba, Gadô e Babu, rodeados por estrelas e embalados pela lua mansa.

A estrela da manhã despontou. Aguardavam a volta do mensageiro, mas não havia sinal na estrada.

A aldeia aos poucos retomava a rotina. Apesar da tensão de uma guerra, a criançada já se juntava em rodas para brincar.

No meio da tarde, o sol estralava os miolos, o chefe limpava o rosto, franzia a testa, olhava firmemente a estrada. Nada. Da terra corada, subia fumaça.

O líder chamou o neto, pediu que trouxesse a elefanta. Esquecidos do mensageiro, adultos e crianças vieram cumprimentar o animal:

— Que alegria! — suspirou uma mulher, aliviada.

Malowi, rodeado pelos pequenos, apresentava Shikoba aos seus amigos, enquanto os homens discutiam ao longo da tarde de onde o animal teria vindo. A noite chegou, e as crianças sonharam com o bicho gigante.



Na manhã seguinte, os ferimentos de Shikoba tinham sarado.

O garoto, no seu dia de folga, pediu permissão ao avô para levar a elefanta a um passeio logo de manhã. O patriarca, no balançar da cabeça, disse sim. Fez um trato com o neto: antes do pôr do sol, ele estaria de volta à tribo.

Lá se foram: Gadô, Malowi, Babu e Shikoba.

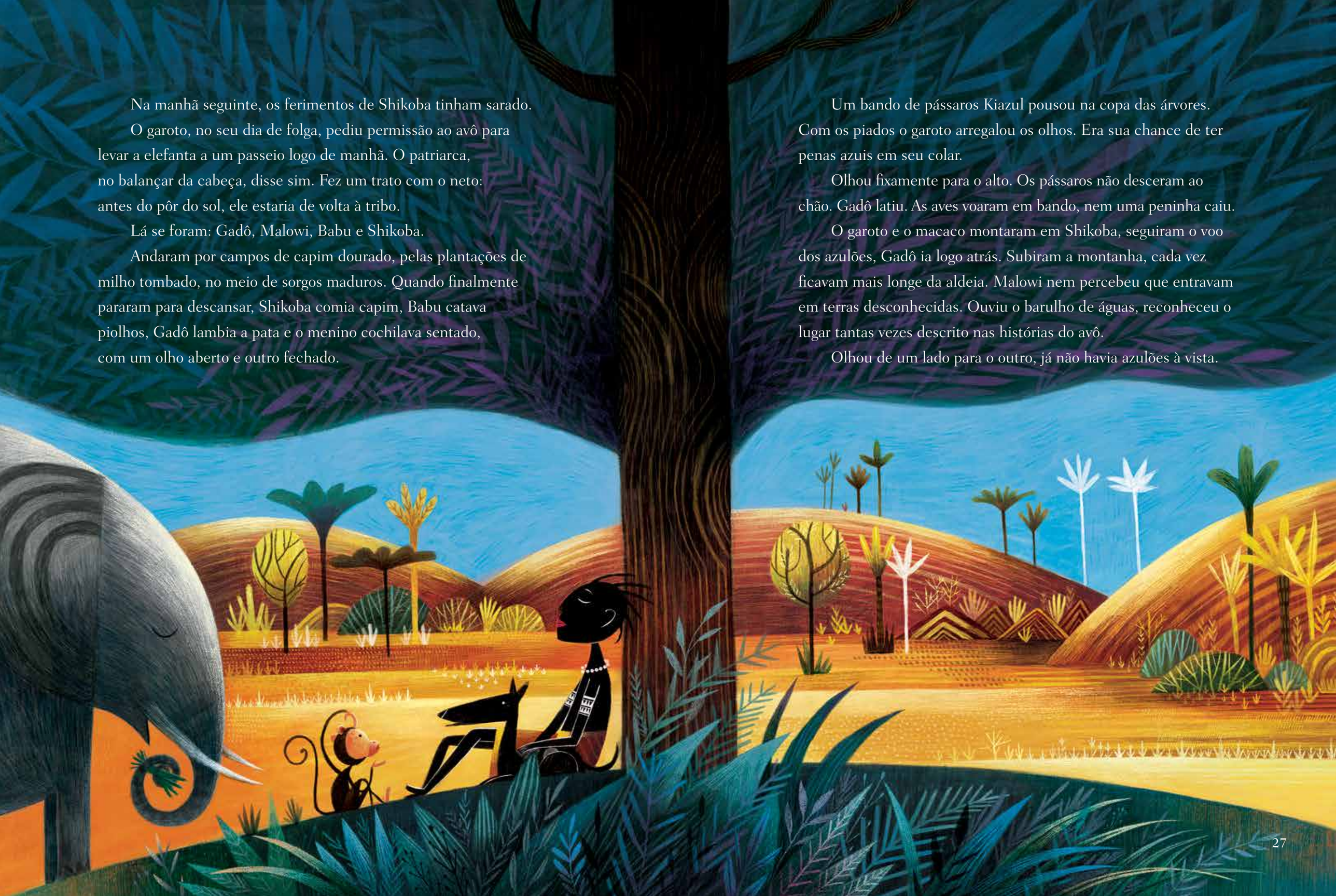
Andaram por campos de capim dourado, pelas plantações de milho tombado, no meio de sorgos maduros. Quando finalmente pararam para descansar, Shikoba comia capim, Babu catava piolhos, Gadô lambia a pata e o menino cochilava sentado, com um olho aberto e outro fechado.

Um bando de pássaros Kiazul pousou na copa das árvores. Com os piados o garoto arregalou os olhos. Era sua chance de ter penas azuis em seu colar.

Olhou fixamente para o alto. Os pássaros não desceram ao chão. Gadô latiu. As aves voaram em bando, nem uma peninha caiu.

O garoto e o macaco montaram em Shikoba, seguiram o voo dos azulões, Gadô ia logo atrás. Subiram a montanha, cada vez ficavam mais longe da aldeia. Malowi nem percebeu que entravam em terras desconhecidas. Ouviu o barulho de águas, reconheceu o lugar tantas vezes descrito nas histórias do avô.

Olhou de um lado para o outro, já não havia azulões à vista.



Agora as garças voavam de volta aos ninhos. Malowi percebeu que estava perdido, não tinha como voltar.

Um som doce acordou os ouvidos do garoto. De onde viria? Intrigado, pediu a Gadô que seguisse aquela melodia.

Olhou para a montanha, nada encontrou. Do alto, vinha aquela música saltando pelos ventos. Esqueceu o medo. Ficou ali paradinho. A música invadiu seu corpo. Quando notou, o sol era uma sombra vermelha no céu, logo as portas do horizonte se fechariam.

Procurou um local para abrigar-se com os animais. Encontrou uma caverna de pedra, parecia deserta. A escuridão chegou. Ele estava com medo. Contava com o faro do cão, a força da elefanta, a esperteza do macaco e a luz das estrelas.

Shikoba rugiu, Malowi ouviu pisadas nas folhas secas.

— Push, push, push.

Agarrou-se a Shikoba, o cachorro latiu. Mas era só uma coruja procurando seu jantar. Tentou dormir, mas não conseguiu. O pensamento martelava.

Com muita dificuldade, o menino adormeceu. A pata de Shikoba foi seu travesseiro. Babu enrolou-se em suas costas, Gadô ficou à porta da caverna, atento a tudo.

No meio da noite, o cachorro rosnou, o menino acordou, não enxergava nada. Levantou-se. Só viu Shikoba batendo com a tromba num animal. A elefanta conseguiu empurrá-lo com suas presas para fora da caverna.



O menino estava exausto, pensava nos pais, nos avós e na melodia que havia ouvido e confiou que um caminho seria descoberto.

Ouviu outro barulho, não poderia mais permanecer ali. Saíram da caverna e se aventuraram no meio da noite.

Lá na aldeia, a mãe e a avó choravam, o pai com os homens guerreiros saíram à procura dele.

O garoto, depois de andar perdido na madrugada, com a ajuda do faro do cão, encontrou uma estrada, agora totalmente imersa na escuridão. Sentiu pavor, porém viu um facho de luz. A tocha desenhava uma sombra, um dos guerreiros o encontrou. Aliviado e confuso, abraçou o homem e lhe contou toda a história, tintim por tintim.

Quando se aproximaram da aldeia, de longe já se via um pontinho de brilho. Apenas uma luz. A lamparina desenhava a silhueta do avô na porta da casa. Todos dormiam. Ao chegarem, o povoado acordou com o choro de alegria da mãe e da avó. O avô, tenso, perguntou:

— Filho de Kokodiô, por onde você andou?

— Estava perdido, vovô.

— Que jovem desaparece no manto escuro sem dar um aviso!? Por que você fez isso? Seu pai e os guerreiros estão fora da tribo a sua procura, Malowi. Tínhamos um trato!





— Não foi culpa minha.

— Não é culpa. É responsabilidade!

O jovem explicou tudo ao avô, pedindo perdão por suas atitudes.

Zuri foi espalhar a massa de pão na chapa redonda. Seu olhar era duro e sério, as mãos tremiam. A essa altura a casa estava cheia de gente. Queriam saber o que havia acontecido.

O pai do menino e os outros homens voltaram, depois de receberem o aviso de fumaça. O menino tinha sido encontrado.

— O que aconteceu, Malowi?

Ele contou quase tudo para o pai e o povo. Preferiu não falar nada sobre a melodia que tinha ouvido.

O avô agradeceu aos guerreiros pela ajuda. Ofereceu uma pedra preciosa como recompensa para o guerreiro que havia encontrado o garoto. Bateu o cajado no chão. O povo dispersou, todos voltaram para suas cabanas.

Pela manhã, o pai o chamou.

— Papai, pensei muito: No escuro, nas terras estranhas, algum animal poderia ter me atacado, além do risco de ser capturado pelo inimigo. Coloquei todos em perigo.

— Você permanecerá alguns dias na aldeia, enquanto cumpre o tempo de reflexão. Pense: o que você pode fazer para que isso não aconteça de novo?

Os Kardiás tinham uma tradição: quando alguém da tribo cometia um erro, era preciso ficar alguns dias sem sair da aldeia.

O menino ficou junto ao pai, os dois envolvidos na construção de um *mukoro*, uma canoa de pesca entalhada no tronco de árvores, que, depois de crescidas, caíam sozinhas ao chão.

Os dias até que passaram depressa. Malowi pensava no que diria ao pai:

— O que dizer aos meus pais e avós? Não posso prometer esquecer os pássaros, a música, o desejo de grandes aventuras!

Finalmente, encontrou uma resposta:

— Prometo pensar antes de agir!

O pai ficou satisfeito. Ao final de três dias, a família reuniu-se. Ele contou o que sentiu nos dias sem pastoreio.

Ao ouvi-lo, a família declarou suas virtudes, para que pudesse lembrar-se do quanto era amado.

Acabada a cerimônia, a avó chamou-os para comer.



Na porta da tenda da avó, Malowi sentiu um cheiro delicioso. Uma fornada quentinha. Pais, avós e o menino sentaram-se para rasgarem o pão. O menino lambia os dedos, gordura de leite e mel escorriam. Acabado o banquete, os pais foram embora, deixando-o ficar mais um pouco na casa dos avós.

Zuri parecia em paz. Avó e neto foram alimentar Shikoba.

— Vovó! Posso te contar um segredo?

— Claro, meu neto!

— No dia em que me perdi, perseguindo os Kiazuis, ouvi um som maravilhoso, uma melodia. Vinha da montanha, a senhora já ouviu falar sobre isso? — A avó suspirou. Terminou de dar capim a Shikoba, apagou as brasas do forno. Deitou-se na rede e ficou olhando as montanhas.

— Vovó, não vai dizer nada!?

Ela chorava. O silêncio tomou conta da casa, até que os últimos raios do sol fecharam as cortinas do céu.

Na semana seguinte, nos campos dos Kardiás, espigas de milho e arroz maduras esperavam a ceifa. Homens colhiam os cereais. Os jovens pastoreavam.

Dentro da aldeia, o líder, as mulheres e as crianças estavam apreensivos, estranhando aquele silêncio. Aguardavam o retorno do mensageiro. As mulheres perderam a esperança de rever Razul, olhavam a estrada e balançavam a cabeça.

Mesmo com toda preocupação, Khoi-san manteve a cerimônia: era chegada a hora da Festa da Colheita. No dia seguinte ninguém sairia para pastorear, os animais comeriam dos cereais colhidos. Haveria danças, brincadeiras e muita comida. A meninada foi dormir animada para a festança.

Zuri tinha outros planos para aquele dia. Antes de o sol nascer, colocou o manto colorido na cabeça, ajeitou pão e água em um saco, pegou um cajado grande e pela janela chamou Malowi. Saíram pelas trilhas da mata.

A claridade da manhã pintava o horizonte, a luz delicada traçava o caminho. O astro rei fazia as sombras de seus corpos transformarem-se em gigantes que andavam à sua frente.

A certa altura, entraram pela trilha do meio floresta adentro. O menino seguia a avó, pé ante pé.

— Aonde vamos? O que estamos procurando?

— Quero passar uma relíquia valiosa para você!

O rosto do menino se iluminou.

— Faz tanto tempo! Será que ainda está lá? Enterrei ao lado do tronco do baobá.

A brisa soprou fria, lentamente:

— Humm, sinta esse cheiro! O baobá está por perto.

Seguiram o aroma trazido pelo vento e correram em direção à árvore. Lá estava. As folhas pareciam raízes. Era um gigante fincado de cabeça para baixo no solo arenoso.

A avó rodeava o imenso tronco, batia no chão com o cajado, procurava ecos. O menino não conseguia entender por que ela havia escondido algo tão importante.



Depois de três voltas, ouviram um barulho diferente. Cavaram com as mãos. No fundo, encontraram uma caixa de madeira.

— Que alívio — suspirou Zuri. Tiraram a caixa e a abriram.

— O que é isso!? — perguntou Malowi.

Era um objeto marrom, fininho, oco, com pequenos furos e uma ponta achatada.

— Um instrumento musical, meu neto!

— Conte logo. Qual o nome deste instrumento?

— FLAUTA!

— Flauta?

— Vamos procurar água para lavá-la.

Os olhos de Malowi saltavam do rosto.

— Onde você conseguiu isso, vovó?

Ela contou toda a história.

— Você sabe quantos povos existem nesta região?

— Dois?

— Não.

— Dez?

— Muito antes de você nascer, existiam várias tribos espalhadas em Zibá, todas juntas formaram nosso querido país Áfora. Uma delas chamava-se Koinô.

— A que voltou a morar nas montanhas?

— Acalme-se. Sente aqui do meu lado!

Ela contou que os Koinôs tinham uma rotina. Todos os finais de tarde, antes de o sol se pôr, reuniam-se para tocar flautas em louvor ao Deus Criador.

— Eles agradeciam pelo dia, pela caça e pela proteção das famílias. Quando era pequena, a flauta pertencia a essa tribo.

Malowi levantou-se do chão, ergueu os braços e encarou a avó, um tanto perplexo.

— Como você sabe disso?

— Você vai entender...



— Um dia, quando eu e minhas amigas voltávamos da cachoeira, ouvimos um barulho de flechas. Algo errado estava acontecendo. Nos escondemos depressa atrás das árvores. Vimos Kardiás correndo, inimigos em busca de comida.

— Inimigos, vovó? Eram os Kardiás!

— Ouça com calma.

Um jovem Kardiá passou próximo da árvore onde eu estava escondida. Meu coração acelerou. Senti medo. Os Koinôs estavam atrás dele, queriam matá-lo. Ficamos apavoradas. O moço chegou mais perto, com muita desconfiança, ajoelhou-se e disse:

— Salve minha vida.

Eu estava com um cesto enorme de roupas, escondi o guerreiro debaixo dos panos. Sentei-me sobre o cesto. Fingi dobrar roupas. Os homens passaram e perguntaram se eu havia visto um inimigo por ali. Acenei com a cabeça que não. Furiosos, saíram para o outro lado. Então, levantei o cesto, fiz sinal para o moço sair e olhei dentro dos seus olhos negros.

— Vovó, você não ficou com medo do guerreiro?

— Não! Os olhos dele eram bons, e os olhos são a janela da alma, meu neto.

— O que aconteceu depois?

— Ele foi embora. O belo jovem andava de costas, fitava meus olhos. Ah... Aquele olhar! Cativou meu coração. Como eu queria encontrar aquela luz novamente, nem que fosse só por um minuto!

Ela continuou:

— No inverno, as invasões recomeçaram. Eles estavam sem alimentos e vinham nos saquear.

Eu sempre ia lavar roupas no rio. Certo dia, o jovem estava me esperando com uma flor, a dama-da-noite, as pétalas bailarinas dançavam na ponta dos pés. Ele se aproximou dizendo que, desde aquele dia, nas noites de lua inteira, via meu rosto no céu. Jurou que, se me encontrasse, me pediria em casamento.

Tive medo, nossas tribos eram inimigas!

— Quer dizer que você não é uma Kardiá?

— Não, meu neto, e por causa disso, como poderíamos nos casar? Mas o jovem prometeu que cuidaria de mim. Pensei na proposta e senti que o amava. Pedi que ele se escondesse, fui falar com meus pais.

Meu pai ficou bravo, minha mãe, triste, mas respeitaram minha escolha. Estenderam as mãos e me deram as suas bênçãos.



Minha bisavó, ouvindo a conversa, correu até o quarto. Pegou uma flauta herdada da minha trisavó e me deu de presente.

Fui embora chorando, sabia que teria poucas chances de ver meu povo novamente. Quem fugia nunca mais poderia voltar! Foi difícil para mim, mas o amor de seu avô calou meu coração. Sou feliz aqui com os Kardiás!

— Quer dizer que este moço é o vovô Khoi-San?

A avó confirmou com a cabeça.

Silêncio.

Pela primeira vez, o mistério que às vezes envolvia a avó se tingia com pinceladas de cores vivas.

— Como você pôde esconder sua história de mim?

O neto estava desapontado e, ao mesmo tempo, surpreso.

Malowi saiu de perto e sentou-se mais à frente, na raiz do baobá.

Agora tudo fazia sentido. Deu-se conta de que ele pertencia a dois mundos.

— Então, é por isso... às vezes quero ficar a vida toda como os Kardiás, em um só lugar. Também sonho em conhecer terras remotas, viver grandes aventuras!

Uma águia magnífica pousou num galho do outro lado do baobá.

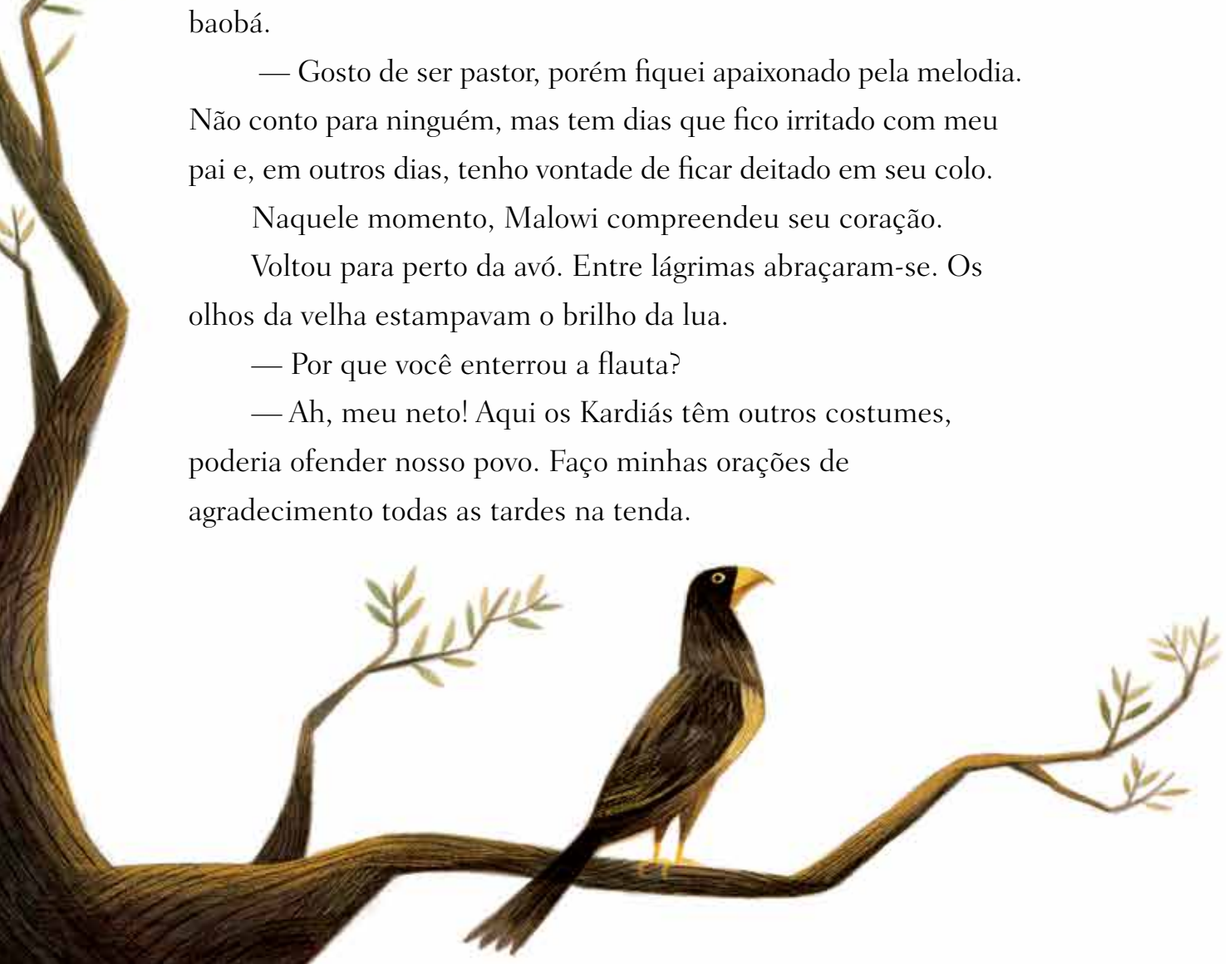
— Gosto de ser pastor, porém fiquei apaixonado pela melodia. Não conto para ninguém, mas tem dias que fico irritado com meu pai e, em outros dias, tenho vontade de ficar deitado em seu colo.

Naquele momento, Malowi compreendeu seu coração.

Voltou para perto da avó. Entre lágrimas abraçaram-se. Os olhos da velha estampavam o brilho da lua.

— Por que você enterrou a flauta?

— Ah, meu neto! Aqui os Kardiás têm outros costumes, poderia ofender nosso povo. Faço minhas orações de agradecimento todas as tardes na tenda.



Ela pegou a flauta e levou à boca; fechou os olhos.

— Por favor, toque. Quero ouvir!

O jovem ficou maravilhado. Era lindo aquele som!

— Me ensina?

— Pegue com a mão direita e leve à boca. Agora segure com a esquerda. Sopre no lado achatado, levante os dedos destampando os furos, um de cada vez. Cada um deles é uma nota musical. Experimente!

— Eu não sei!

— Todos têm a sua música! Feche os olhos. Deixe o som sair do coração, depois, com seus dedos, tente tocar. Se você é um verdadeiro Koinô, vai conseguir!

Ele soprou, saiu um som engraçado. Criou coragem, começou a levantar os dedos. Descobriu os sons de cada buraquinho:

— Fli... flui... fluá... fli... flu... aaa.

— Isso mesmo!

Experimentou o novo instrumento até abrir a alma e deixou sair uma melodia.

— Consegui!

A avó aplaudiu.

— Agora vou te ensinar as músicas de agradecimento ao Criador.

Os dois se distraíram; quando deram conta, já passava da hora do almoço.

— Precisamos voltar!



O menino e a avó entraram pela trilha do sol nascente. Chegaram à estrada. Do outro lado da floresta, o mensageiro também chegava à estrada com um elefante. Encontraram-se no ingá. Os tambores rufaram.

— Ra- ra- tan- tan... pum- bum- tum!

Reuniram-se, olhavam com atenção na direção da estrada. Razul, numa das mãos, puxava um elefante. Na outra, uma bandeira branca.

— Achei que estivesse morto — susurrou uma mulher.

— É um milagre! — gritou o sábio Kaúna.

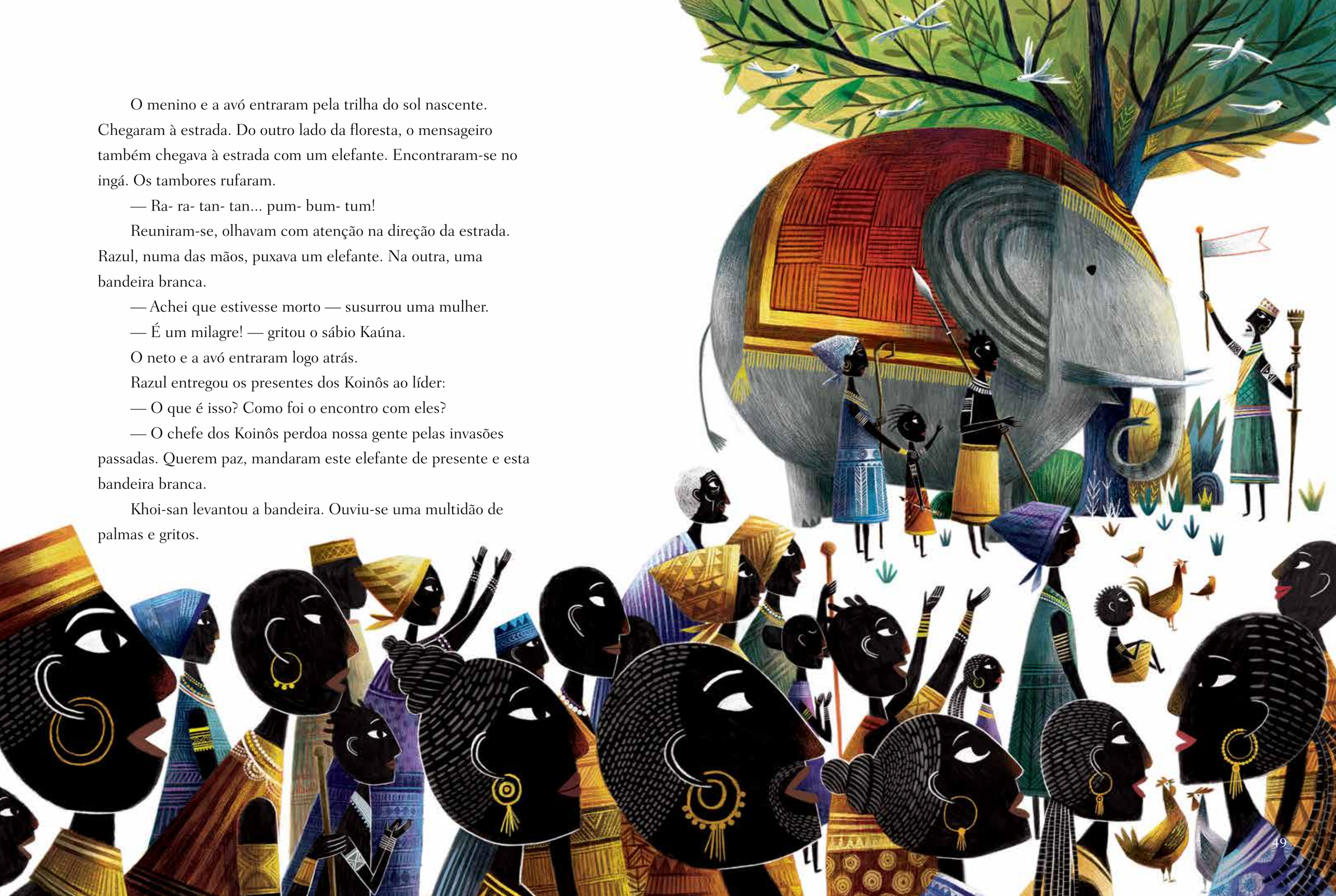
O neto e a avó entraram logo atrás.

Razul entregou os presentes dos Koinôs ao líder:

— O que é isso? Como foi o encontro com eles?

— O chefe dos Koinôs perdoa nossa gente pelas invasões passadas. Querem paz, mandaram este elefante de presente e esta bandeira branca.

Khoi-san levantou a bandeira. Ouviu-se uma multidão de palmas e gritos.



— Por que demorou tanto para voltar, Razul? — Perguntou Khoi-san.

— Estavam procurando a companheira do elefante para enviar o casal como presente, mas não a encontraram!

Shikoba veio a passos largos. Roçou a tromba no tão conhecido companheiro. O casal de elefantes encostou as cabeças, uma na outra, gemendo baixinho.

O perdão raiou bem alto, desceu nas asas da águia, sobrevoou a montanha, a floresta e mergulhou nos corações.

Chegava a hora da Festa da Colheita, e Khoi-san ordenou:

— Vamos festejar, a honra está de volta!

Um alarido de alegria ganhou a aldeia. A meninada reuniu-se para escolher um nome para o elefante. Os olhos brilhavam, agora tinham um casal, nasceriam filhotes. Cada um dava seu palpite querendo batizar o novo membro da aldeia:

Bukolo.

Marutu.

Sankofa.

Olavu.

Shaka.

Tunoro.

Khoi-san apurou a votação. Shaka foi o mais cotado. Todos comemoraram.





A festa começou com dança e comida. Quando as sombras das casas alcançaram o centro da aldeia, um bando de Kiazuis pousou nos telhados das tabas. Chacoalharam as asas. Deixaram dezenas de penas espalhadas pelo chão. Malowi gritou:

— Recebemos outro presente!

As crianças correram e pegaram as penas. Zuri pegou uma pena.

A festa continuou até o final da tarde, Malowi caminhou até o vale perto da aldeia, com a flauta, no exato momento em que os Koinôs entoavam músicas de honra. O menino parou ao pé da montanha, começou a tocar. Para sua surpresa, ouviu uma música do lado de lá. Alguém respondia com som de flauta.

Parou, e, então, viu o flautista da montanha.

No alto, mais homens apareceram tocando. Malowi fez sinal para que se aproximassem. Um bando de pequenas sombras descia as montanhas. Já nas terras dos Kardiás, abraçaram o menino.

— Esperem aqui! Vou chamar meu avô!

Khoi-san se aproximou. Parou com as mãos nos ombros do neto. Pediu perdão por ter trazido Zuri sem permissão. O líder Koinô estendeu o cajado sobre os ombros do avô. Abraçaram-se e Khoi-san os convidou para a festa.

— Vamos comer e beber, celebraremos juntos a colheita abundante.

Malowi ia à frente, tocando sua música, mostrando o caminho. Os Koinôs seguiam atrás.

Ao vê-los os Kardiás pararam de dançar. Zuri correu e abraçou o homem mais velho, reconhecendo seu pai, o flautista da montanha.

Uma orquestra de flautas ecoou em Zibá. Kardiás e Koinôs tocavam e dançavam, banhando as montanhas com gratidão.

Zuri levou o pai e os irmãos para conhecerem o seu povoado. Terminada a festa, cada um voltou para sua casa. Zuri pegou a pena azul, molhou a pontinha numa tinta feita de água e carvão. Começou a escrever uma história nas paredes de fora da sua tenda, que ficou na memória como um dos mais belos contos do povo Kardiá.



MIRIAM DELEFRATE GUEDES

Nasceu em Buritizal e, atualmente, reside em São Joaquim da Barra, ambas cidades do interior do estado de São Paulo.

Graduada em Pedagogia, História e Psicologia, foi professora infantil, ensinando crianças a ler e escrever.

Trabalhou na Biblioteca Infantil Escolar Monteiro Lobato, onde se apaixonou por literatura infantojuvenil, e nesta época, começou a escrever seus primeiros contos.

Miriam é autora das obras "Costureira de Corações", livro de poemas em prosa para adultos, e "O Pescador de Sonhos", primeiro livro-conto infantojuvenil.

Além da literatura, Miriam também se dedica a projetos sociais e palestras voltadas às orientações familiares para pais de crianças e adolescentes.

E-mail: miriamdguedes@outlook.com

Instagram: @miriam.guedes



ROGÉRIO COELHO

Nasceu em São Paulo - SP, atualmente mora em Curitiba - PR e trabalha como ilustrador profissional desde 1997. Já ilustrou mais de cem livros para as principais editoras brasileiras, tendo recebido duas vezes o Prêmio Jabuti: em 2012, na Categoria Didático/Paradidático, e em 2016, Categoria Ilustração de Livro Infantil ou Juvenil. No mesmo ano, recebeu o prêmio HQMIX na categoria Desenhista Nacional.

Em 2015, começou a trabalhar fora do Brasil, inicialmente para a Revista Storytime, publicação inglesa voltada para crianças, e, posteriormente, ilustrando para diversas editoras dos Estados Unidos, tendo livros publicados na Polônia, Rússia e França.

Além de ilustrador, Rogério Coelho também é autor dos livros "O Gato e a Árvore", da graphic novel "Graphic MSP Louco-Fuga", e "O Barco dos Sonhos (Boat of Dreams)", publicado nos Estados Unidos, onde ganhou a medalha de ouro (Categoria Livro Ilustrado para todas as idades) no Independent Publisher Book Awards 2017 (IPPY).



Você já ouviu falar em Áfora? O conto *Quando as flautas descem as montanhas* vai te levar até lá. Entre piados, cipós e montanhas, você vai conhecer os Kardiás, suas casas de barro e capim, e o povo Koinô, das terras das cachoeiras. E personagens como o líder Khoi-san, o avô; a misteriosa avó Zuri; e o jovem Malowi, acompanhado por seu cachorro Gadô, seu macaco Babu e o casal de elefantes Shikoba e Shaka, vão viver a fartura, a fome, a guerra, as aventuras, as travessias, diversos enfrentamentos e os cultivos.

A memória dessas tradições será resgatada com cuidado, numa pena do pássaro Kiazul, a mesma que escreveu esta emocionante história! Música, movimento e ritmo, tudo junto, contados aqui pelas palavras de Miriam Guedes e pelas imagens de Rogério Coelho, com suas penas mágicas e poéticas, cheias de sensibilidade. Esta narrativa cheia de mistério te espera!

Ninfa Parreiras
Escritora e psicanalista

9 786599 397523

Patrocínio
ALTA MOGIANA
GS inima
Pedra Agroindustrial S/A
são francisco
Realização
SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO
PÁTRIA AMADA BRASIL